



**EIXO TEMÁTICO:**

- |   |   |   |
|---|---|---|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade      | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania                     |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade     | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade      | <input checked="" type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade |   |   |

## **Viagem de estudo como recurso didático: a experiência do CAU UFCG**

*Field trip as a teaching resource: the experience of CAU UFCG*

*Salida de campo como recurso didáctico: la experiencia de la CAU UFCG*

SILVA, Heitor de Andrade (1);

QUEIROZ, Marcus Vinicius Dantas de (2)

(1) Professor Doutor, Universidade Federal de Campina Grande, UFCG – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Design, Campina Grande, PB, Brasil; email: heitor.andrade@ufcg.edu.br

(2) Professor Mestre, Universidade Federal de Campina Grande, UFCG – Curso de Arquitetura e Urbanismo, Campina Grande, PB, Brasil; email: marcusvidanq@gmail.com



## **Viagem de estudo como recurso didático: a experiência do CAU UFCG**

*Field trip as a teaching resource: the experience of CAU UFCG*

*Estudio de campo como recurso didáctico: la experiencia de la CAU UFCG*

### **RESUMO**

A ampliação de repertórios projetuais de estudantes de Arquitetura e Urbanismo no patrimônio arquitetônico é necessária para o adequado desenvolvimento de propostas de intervenção em contextos preexistentes ensaiados em ateliês de projeto. Este artigo tem o objetivo de refletir sobre a viagem de estudo enquanto um recurso didático, com base na experiência realizada no CAU UFCG, em fevereiro de 2014, ao Estado de Minas Gerais, como atividade acadêmica do Curso, com enfoque às questões do patrimônio cultural. Os procedimentos metodológicos adotados consistiram em visitas orientadas a edifícios e a espaços públicos de referência, bem como em contatos com profissionais especializados. É possível mensurar, com base nas avaliações realizadas no âmbito dos componentes curriculares em questão, um maior cuidado dos alunos com relação ao patrimônio cultural alvo de análise e o reflexo das soluções vivenciadas pelos estudantes nos projetos que foram desenvolvidos. A viagem de estudo é um recurso didático pertinente e deve ser incluída como uma atividade regular do Curso, como um componente curricular obrigatório ou optativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Viagem de estudo, recurso didático, patrimônio arquitetônico

### **ABSTRACT**

*Architecture and urban design studios must take into consideration the importance of broadening the students' visual experience in order to stimulate ideas for new proposals in historical center cities. In this sense, this paper aims to think the field trip as a teaching and learning tool within the activities in the CAU UFCG. It was based on a procedure planned by the faculty member to visit buildings and public spaces throughout some cities in the state of Minas Gerais on February 2014. In addition to the guided visits the students were introduced to professionals that have experience with cultural heritage. As an outcome, it was noticed a positive effect regarding cultural heritage issues by analyzing the students' proposals. For instance, they took into consideration the solutions they saw and experienced on the guided visits. In short, the trip field was a relevant didactic tool, which should be included as a required or an elective component of the course itself.*

**KEY-WORDS:** Study tour, teaching resource, architectural heritage

### **RESUMEN**

*La ampliación del abanico de proyectos de estudiantes de Arquitectura y Urbanismo en el patrimonio arquitectónico se hace necesaria para el adecuado desarrollo de propuestas de intervención en contextos preexistentes ensayados en oficinas de proyecto. Este artículo tiene el objetivo de reflexionar sobre el viaje del estudio en cuanto un recurso didáctico, basado en la experiencia realizada en el CAU UFCG, en febrero de 2014, al Estado de Minas Gerais, como actividad académica del Curso, con enfoque en las cuestiones del patrimonio cultural. Los procedimientos metodológicos adoptados consistieron en visitas orientadas a edificios y a espacios públicos de referencia, así como en contactos con profesionales especializados. Es posible mensurar, en base a las evaluaciones realizadas en el ámbito de los componentes curriculares en cuestión, un mayor cuidado de los alumnos con relación al patrimonio cultural central del análisis y el reflejo de las soluciones experimentadas por los estudiantes en los proyectos que fueron desarrollados. El estudio de campo es un recurso didáctico pertinente y debe ser incluido como una actividad regular del Cuso, como un componente curricular obligatorio u optativo.*

**PALABRAS-CLAVE:** Estudio de campo, recurso didáctico, patrimonio arquitectónico



## 1 INTRODUÇÃO

O ensino de Arquitetura e Urbanismo tem sofrido, ou precisa sofrer, grandes transformações para responder a novas demandas sociais do mundo contemporâneo. As tecnologias da informação e os trabalhos colaborativos destacam-se entre os aspectos que devem ser considerados na formação profissional. Nesse contexto, são exigidas, dessa nova geração, competências e habilidades para lidar com uma quantidade extraordinária de informações, que requer capacidades diversas, como seleção, discernimento e, sobretudo, síntese. Naturalmente, as escolas precisam se adaptar a esse contexto a fim de seguir sendo um centro de formação coerente com as dinâmicas sociais vigentes. Quando pensamos o ensino de arquitetura, muitas questões poderiam vir à tona, como os processos de concepção de projeto, a integração de conteúdos e os novos componentes curriculares. Todas essas problemáticas tem sido alvo de discussões no campo acadêmico e tem se intensificado desde as últimas três décadas.

É inevitável o surgimento de novos componentes curriculares – além das atividades de sala de aula e outros modelos tradicionais – capazes de desenvolver competências e habilidades propícias e necessárias nos estudantes de hoje. A viagem de estudo tem surgido, em muitas escolas de Arquitetura e Urbanismo, como uma alternativa institucional de abordagem e promoção de aprendizagens. Em alguns contextos torna-se um, quase, inevitável recurso didático-pedagógico para auxiliar no exercício projetual, contribuindo para a ampliação dos repertórios projetuais dos estudantes, sobretudo, com respeito a determinados temas, como o patrimônio cultural edificado, conforme preveem as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo vigentes (Resolução Nº 2, de 17 de junho de 2010).

Essas medidas visam dar aos alunos de Arquitetura e Urbanismo a oportunidade de ter contato direto com importantes exemplares da arquitetura – de valor histórico –, assim como, com intervenções nesses contextos. Naturalmente, com a diversidade histórica de ocupações do território brasileiro, os exemplares consagrados da arquitetura e urbanismo não sempre estão próximos às instalações dos Cursos.

Em Campina Grande, Paraíba, por exemplo, seu Centro Histórico possui significativo conjunto urbano e arquitetônico característico do final do século 19 e, principalmente, da primeira metade do século 20. Concentra arquiteturas de épocas e manifestações distintas, desde o ecletismo, passando pelo neoclássico, art déco, neocolonial e estilo missões, até o modernismo. A diversidade e o hibridismo dessas linguagens estéticas caracterizam um ambiente que se buscou anexar aos símbolos de progresso do começo dos novecentos, cuja multiplicidade de meios, técnicas e pensamentos engendrou um espaço construído em consonância com os ritmos do processo ambíguo de modernização nacional. Porém, as políticas de conhecimento, registro, conservação e preservação desse patrimônio edificado ainda são incipientes, desarticuladas e descontínuas, o que tem ocasionado perdas e descaracterizações.

Nesse caso, as viagens de estudo são entendidas como alternativa para proporcionar aos estudantes um contato com exemplares importantes da arquitetura e urbanismo de valor patrimonial e cultural, assim como com exemplos de intervenções e planejamentos bem sucedidos. Proporcionar essas vivências aos alunos favorece as suas apreensões sobre os valores intrínsecos do patrimônio cultural a ser coerentemente conservado e qualificado.



Desse modo, com a finalidade de proporcionar aos discentes uma oportunidade de imersão no universo da preservação de sítios históricos, assim como de ampliar o repertório dos estudantes no que se refere ao universo espacial de intervenções em áreas e edifícios com reconhecido valor cultural, ampliando os seus conhecimentos sobre os aspectos históricos, urbanos e arquitetônicos da construção da cidade e da arquitetura nos períodos colonial, eclético, moderno e contemporâneo, surgiu a iniciativa de realização de uma viagem de estudo – reconhecida como uma atividade complementar flexível pelo Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFCG – como um meio de aprimorar a formação discente.

É importante acrescentar que tratamos desde a realidade de um curso novo e em formação, instalado no semiárido brasileiro, iniciado em 2010, e resultado de uma política de expansão universitária no país, com destaque para a rede federal de ensino superior, que tem como uma das metas a interiorização dessas oportunidades (programa REUNI). Ou seja, tratamos de uma graduação ainda, no momento de escrita deste artigo, sem egressos e que responde a uma demanda reprimida, na região, por profissionais com uma formação mais voltada para as questões sociais do lugar.

Este artigo tem como objetivo contribuir com o debate sobre viagens de estudo, com base na experiência realizada no CAU UFCG, com respeito, especificamente, a atividade realizada em fevereiro deste ano ao estado de Minas Gerais. Pretendemos, basicamente, apresentar um relato, descritivo-analítico, da atividade sob a ótica do ensino de arquitetura e urbanismo. Ou seja, enquanto um componente curricular e ferramenta didático-pedagógica.

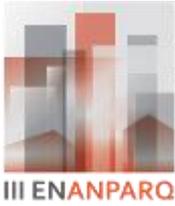
Inicialmente, faremos uma breve exposição sobre a viagem de estudo enquanto componente complementar de arquitetos no contexto profissional, histórico e contemporâneo. Posteriormente, apresentamos a realidade de Campina Grande, no que refere ao seu patrimônio edilício de valor histórico e cultural. Apresentamos algumas reflexões sobre o ensino do projeto de arquitetura e urbanismo em contextos preexistentes e finalizamos com a exposição da experiência realizada por professores e alunos do CAU UFCG neste ano.

## **2 VIAGEM DE ESTUDO E PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO EM CAMPINA GRANDE**

### **VIAGEM DE ESTUDO**

Em sua recente autobiografia, o arquiteto japonês Tadao Ando descreve seu processo de formação autodidata. Dentre os recursos utilizados para a apreensão da arquitetura (aulas, leituras, desenhos, prática do ofício), cita as viagens de estudo como experiências transformadoras. Relata que são verdadeiras “viagens de formatura”, que permitem sair da percepção abstrata do espaço (através de livros, fotografias, relatos) para a experiência do real. As “peregrinações arquitetônicas” rompem expectativas, emocionam, deslumbram, frustram. Faz o viajante observar o mundo com seus próprios olhos, construir seu pensamento crítico. Sentem-se as cidades, os edifícios, o clima, as pessoas, os aromas, o sol (ANDO, 2010).

Ao longo do tempo, viagens ou expedições para pesquisa e estudo sempre foram utilizadas como caminho para a descoberta ou a melhor compreensão de outros lugares e realidades, numa postura de saída de um contexto para a busca de vivências e impressões em situações distintas. Mesmo com o avanço e as possibilidades dos meios de difusão da informação (impressos, áudio, vídeo, realidades virtuais), a experiência do real, como diz ANDO (2010), “possui uma profundidade totalmente diversa”. É a quarta dimensão, diria Zevi (1994). Assim



fizeram os arquitetos do Renascimento quando se interessaram pelos monumentos da antiguidade clássica, os viajantes que vieram conhecer, trabalhar e coletar impressões do Brasil Colônia (Debret, Vauthier), Lúcio Costa e suas viagens às cidades mineiras; e assim fazem os autores das seções de arquitetura e turismo das revistas especializadas e as excursões, cada vez mais frequentes, organizadas pelos profissionais arquitetos ou pelos cursos de Arquitetura e Urbanismo.

### **PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO EM CAMPINA GRANDE**

A graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande faz coro com esse pensamento. As viagens de estudo têm sido cada vez mais constantes como recurso complementar às atividades em sala de aula, na busca por experiências distintas das possibilidades locais. O currículo do curso, embora tenha como um dos princípios o diálogo com o contexto no qual se insere, trata de temas que tencionam os limites dessa realidade. Quando tratamos de patrimônio cultural, área de maior abordagem nesse texto, o município paraibano possui significativo acervo urbano e arquitetônico dos séculos XIX e XX. A sua região central e adjacências concentram edificações e espaços públicos vinculados a diversos momentos das culturas arquitetônica e urbanística brasileiras: colonial, neoclássico, ecletismo, art déco, neocolonial, estilo missões, modernismo, pós-modernismo.

Nos últimos anos, a relevância desses patrimônios tem merecido a atenção de pesquisadores de várias regiões do país, cujos estudos e publicações vêm inserindo a produção do município do interior nordestino na historiografia da arquitetura e do urbanismo brasileiros. A ratificação da importância cultural desses conjuntos veio com a proteção estadual, em 2004, de parte da região central da cidade, com a criação do Centro Histórico de Campina Grande pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP). Porém, as políticas de conhecimento, registro e divulgação desse patrimônio ainda são incipientes, desarticuladas, esparsas e descontínuas. Com exceção de algumas ações promovidas por agentes públicos nos conjuntos edificados, os olhares e os debates sobre o tema geralmente ficam restritos ao ambiente acadêmico, com poucos rebatimentos sobre as demais esferas da sociedade. Como consequência, tem-se um Centro Histórico que é pouco valorizado pelo cidadão comum e, muitas vezes, pelos profissionais arquitetos e urbanistas. As atribuições de valor, limitadas aos meios especializados, não lhe são perceptíveis. As recentes e aceleradas descaracterizações e demolições de edifícios significativos, aliadas a um aparente silêncio social, são resultado da lentidão das políticas patrimoniais em âmbito local.

Como consequência, as intervenções sobre o patrimônio edificado, quando não negligenciadas, apresentam soluções descontextualizadas, com reflexões incipientes acerca das demandas e possibilidades projetuais (caráter alegórico e cenográfico, falseamentos históricos, subtração de elementos importantes dos edifícios, utilização de materiais incompatíveis, perda da noção dos conjuntos arquitetônicos, desprestígio do espaço urbano etc.). Considerando que o CAUUFCEG recebe alunos de grande parte do Nordeste, principalmente das cidades pequenas e médias da região, muitas delas com patrimônio urbano e arquitetônico mais antigo e preservado que o campinense, todas as ações vivenciadas em Campina Grande e experimentadas pelos discentes têm o poder de repercutir para além das fronteiras do município. É nesse sentido que se faz necessária uma abordagem didática que reforce as bases teóricas sobre o tema, estimule o pensamento crítico e abra possibilidades para a formação de repertórios espaciais e projetuais a partir de acervos bibliográficos e visitas a obras de referência.



### **3 O ENSINO DE PROJETO DE ARQUITETURA E O PATRIMÔNIO CULTURAL**

Considerando a importância de se pensar recursos didático-pedagógicos coerentes com a realidade tratada, cabe, nesse algumas considerações sobre o ensino de arquitetura associado as questões do patrimônio cultural. Antes, contudo, é pertinente mencionar em contexto encontra-se esse ensino. Segundo Masetto (1998), o ensino superior no Brasil passa por três momentos importantes: 1) a formação profissionalizante para o mercado de trabalho; 2) a formação do cidadão, do profissional e do pesquisador; e 3) a formação em contexto de mudanças tecnológicas. Quando pensamos o ensino de projeto de Arquitetura e Urbanismo, em momento de mudanças tecnológicas, podemos pensar em abordagens multidisciplinares e em utilizações de tecnologias da informação e de representação gráfica interagindo e, quiçá, influenciando no processo conceitual de projetos de intervenção. A questão abrange, também, o desenvolvimento de competências e habilidades voltadas para a intervenção no espaço existente – que remete a uma formação social e cultural –, e um arcabouço conceitual e metodológico consistente.

O debate sobre o ensino do projeto vinculado ao patrimônio cultural, no Brasil, é, relativamente, recente. Além dos encontros da Abea, o debate foi reacendido em escala nacional, a partir de 2003, no âmbito do Seminário Projetar, cuja a edição que se realizou em Porto Alegre (2007), lançou o foco sobre o patrimônio histórico edificado. Os conteúdos referentes à preservação do patrimônio urbano e arquitetônico foram incorporados aos currículos dos cursos de arquitetura e urbanismo, no Brasil, a partir de 1996, após as discussões sobre a reestruturação curricular de 1994.

As Diretrizes Curriculares vigentes preveem a inclusão desses conteúdos (patrimônio) nas estruturas curriculares dos cursos, considerando, inclusive competências e habilidades para os projetos de arquitetura e urbanismo em contextos históricos. Naturalmente, devido ao perfil generalista da formação de arquiteto urbanista, no Brasil, apontada nas Diretrizes Curriculares Nacionais, e a autonomia das escolas para definirem os seus conteúdos de acordo com as características regionais, encontram-se consideráveis diferenças no que se referem à carga horária, aos métodos e aos conteúdos empregados, sobretudo, no que tange a aplicação dos conteúdos do patrimônio cultural no exercício do projeto.

Contudo, é possível encontrar similaridades entre as escolas, que são orientadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais. Nessas, existem muitas menções às questões relacionadas ao patrimônio histórico. Por exemplo, a de que os projetos pedagógicos dos cursos deverão incluir entre muitos aspectos a concepção e composição das atividades complementares com o objetivo de compreender e traduzir demandas sociais com respeito à concepção do espaço arquitetônico e urbanístico, tendo em conta a conservação e a valorização do patrimônio construído, bem como a proteção do equilíbrio ambiental. Nesse sentido, os cursos deverão adotar como princípio a valorização e a preservação da arquitetura, do urbanismo e da paisagem como patrimônio. Conforme as Diretrizes, também, o perfil do egresso deverá contemplar, além de uma sólida formação generalista, a capacidade para atuar na conservação e valorização do patrimônio construído. E colocam que as competências e as habilidades a serem desenvolvidas nos estudantes devem prever a prática projetual e a capacitação para resolução de problemas, visando soluções tecnológicas para a preservação, conservação, restauração, reconstrução, reabilitação e reutilização de edificações, conjuntos e cidades. Por fim, os conteúdos curriculares dos cursos devem contemplar as Técnicas Retrospectivas, em que se evidencia a necessidade de se explorar os conteúdos do patrimônio no curso.



A cerca dos conteúdos do patrimônio cultural, no âmbito do ensino, conforme as Diretrizes Curriculares, podem ser dispostos em atividades práticas e teóricas. Portanto, além de aulas, a produção em ateliê, as visitas a canteiros de obras, as pesquisas e extensões, bem como as viagens de estudo para o conhecimento de obras arquitetônicas, de conjuntos históricos, tem sido adotadas em muitas escolas como estratégias de ensino e aprendizagem. As Diretrizes reafirmam conteúdos de patrimônio e sugerem atividades extraclasse ligadas ao tema, mas, sobretudo, apontam para a aplicação destes conteúdos no projeto, seja de arquitetura, urbanismo ou paisagismo.

#### **4 IMPRESSÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DA VIAGEM DE ESTUDO DO CAU UFCG**

Antes de abordarmos as nossas impressões sobre a experiência da viagem de estudo realizada no CAU UFCG, é importante observar que a lógica do Projeto Pedagógico do CAU UFCG remete a tradicional ideia de progressão da complexidade de abordagens e da integração de conteúdos por meio das disciplinas de projeto (espinha dorsal do curso), além da lógica de integração de conteúdos por meio de eixos temáticos e sítios de análise e intervenção. Ou seja, os temas são predefinidos na estrutura curricular do Curso. Desse modo, por exemplo, as questões do “patrimônio cultural” são abordadas no sétimo período, quando os estudantes apresentam uma bagagem teórica mais consolidada, como as adquiridas nas disciplinas de teoria e história da arquitetura e do urbanismo. Em cada semestre letivo é escolhido o *locus* para estudos e proposições. No período, em questão, o universo de estudo foi o sítio histórico de Areia/PB, patrimônio cultural tombado pelo IPHAN. Conforme mencionado, a viagem de estudo é reconhecida como uma atividade complementar flexível pelo Projeto Pedagógico do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFCG, como um meio de aprimorar a formação discente.

A experiência da viagem de estudo em análise foi realizada entre os dias 3 e 10 de fevereiro de 2014, por alunos e professores do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), campus Campina Grande, ao Estado de Minas Gerais. A escolha do lugar foi uma construção coletiva, no âmbito das disciplinas de Projeto de Arquitetura V e Estudos Urbanos e Regionais V. A ideia foi contemplar uma vivência ao universo colonial e eclético das arquiteturas e sítios das cidades mineiras, de Ouro Preto e de Belo Horizonte, assim como dos exemplares contemporâneos do Centro de Arte Contemporânea Inhotim, em Brumadinho. Além de uma atividade acadêmica optativa das disciplinas citadas, a viagem proporcionou a outros alunos do curso, preferencialmente, das disciplinas de Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo III e V, a oportunidade de realização da atividade.

Os procedimentos metodológicos adotados nessa viagem de estudo, basicamente, consistiram em visitas orientadas a edifícios e a espaços públicos de referência, bem como em palestras e em contatos com profissionais especializados e conhecedores dos lugares visitados (Figuras 1, 2, 3 e 4). Naturalmente, essas oportunidades, aparentemente, informais, converteram-se em momentos muito ricos de aprendizados, pois ouvíamos e vivíamos sem dissociações. As teorias se confundiam com as práticas e as análises, reflexões sobre os exemplos apresentados aconteciam naturalmente. Em Ouro Preto, foram visitados pelo grupo, acompanhado por um guia credenciado, os principais edifícios e logradouros e em Belo Horizonte, foram visitados a Escola de Arquitetura da UFMG – onde fomos recebidos pelo Prof. Flávio Carsalade (com uma palestra sobre o processo de consolidação da cidade) –, a praça da República e o conjunto Pampulha. A programação contemplou um dia no Inhotim, onde realizamos visitas guiadas com enfoque na arquitetura (dos edifícios) e no paisagismo. Desse modo, foi possível transitar por

um repertório arquitetônico, urbanístico e paisagístico de diferentes épocas – desde o período colonial aos tempos atuais (intervenções pós-modernas).

Figura 01: Casario colonial em  
Ouro Preto/MG



Foto: Rafaela A. Marques (2014).

Figura 03: Palestra com o Prof. Flávio Carsalade  
da EA UFMG



Foto: Marcus Queiroz (2014).

Figura 02: Igreja São Francisco de Assis  
Ouro Preto/MG

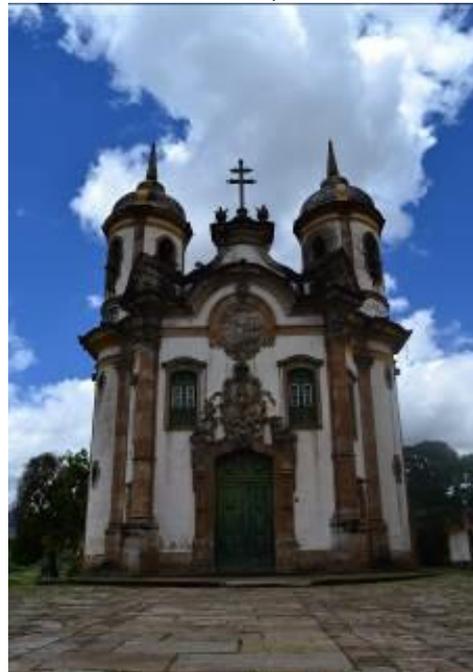


Foto: Rafaela A. Marques (2014).

Figura 04: Igreja São Francisco de Assis (Pampulha),  
Belo Horizonte/MG



Foto: Marcus Queiroz (2014).

Com a continuidade das atividades disciplinares, já foi possível perceber o maior cuidado dos alunos com relação ao patrimônio cultural alvo de análise e o reflexo das soluções vivenciadas nos projetos que desenvolveram nas disciplinas mencionadas. Também, observamos uma maior maturidade pessoal dos estudantes nas relações com os professores e com os colegas.

A experiência de visitar as cidades mineiras, bem como o Inhotim, aconteceu com algumas dificuldades de infraestrutura e, ainda, como uma atividade experimental. Entendemos, pelo sucesso da iniciativa, que deve ser aperfeiçoada e incluída como uma atividade regular do Curso, com a devida estrutura e apoio institucional.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um mundo cada vez mais conectado, onde os limites e as percepções de tempo e distância são relativizados, verificam-se mudanças nas relações profissionais de arquitetos e urbanistas. Ganham volume as associações efêmeras e colaborativas, organizadas por trabalho, a partir de especialidades distintas e interesses comuns. Tais arranjos temporários podem envolver agentes geograficamente distantes, não raro sob demandas de intervenção espacialmente pulverizadas e de contextos variados (escritórios multinacionais, concursos nacionais e internacionais de projetos, consultorias especializadas). Nesse universo, arquitetos e urbanistas precisam exercer uma visão holística, possuir formação versátil, de compreensão de questões locais diversas e de conexão a parâmetros universais.

Assim, a partir da experiência descrita, e com base em relatos de alunos, fica evidente que as viagens de estudo são importantes ferramentas para a percepção de espaços e contextos distintos ou complementares às realidades de seus lugares de origem, o que colabora para a construção da formação versátil citada anteriormente. Nessas atividades, as visitas guiadas a espaços urbanos, edifícios ou demais obras de referência transformam-se em necessário recurso didático, na medida em que contribuem para a ampliação do repertório projetual e das suas soluções adotadas (especializações, técnicas construtivas, investigações conceituais, partidos estéticos, relações políticas, culturais, econômicas e sociais).

Desse modo, dentre os caminhos para a revisão do *modus operandi* dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo no Brasil, a intensificação das viagens de estudo pode ser entendida como uma possibilidade didática fundamental dentro da modernização de suas estruturas curriculares, principalmente quando consideramos o perfil das novas gerações e as recentes demandas da profissão.

## REFERÊNCIAS

- ABEA – *Associação de textos*, 2013. avaliação de edificações. São Paulo: Oficina de textoUUS
- ANDO, T. *Tadao Ando arquiteto*. São Paulo: BEI Comunicação, 2010.
- ANDRADE, H. *Projeto em áreas consolidadas de patrimônio cultural: diretrizes para a construção de uma metodologia de ensino* (título provisório de tese em fase de conclusão). PPGAU/UFRN. Natal, 2012.
- ANDRADE, H; VELOSO, M. *O Patrimônio Histórico em Contexto de Integração Curricular: uma experiência de ensino de projeto arquitetônico e urbanístico em ambientes históricos*. 2008, João Pessoa. XXVI ENSEA - Encontro Nacional sobre Ensino de Arquitetura e Urbanismo.
- BRASIL. *Perfis da Área & Padrões de Qualidade – Expansão, Reconhecimento e Verificação Periódica dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo*. Brasília, 1995, p.6.
- CASTRIOTA, L. B. *Intervenções sobre o patrimônio urbano: modelos e perspectivas*. Fórum Patrimônio: ambiente construído e patrimônio sustentável. Belo Horizonte, v.1, n.1, set. /dez . 2007.
- CURY, I (org.). *Cartas Patrimoniais*. Iphan, Rio de Janeiro; 3ª edição, 2004.
- MASETTO, M. T. . Reconceptualizando o processo de ensino-aprendizagem no ensino superior e suas consequências para sala de aula. In: ENDIPE, 1998, Águas de Lindóia. *Anais do ENDIPE*, 1998. v. 02.
- ROSSI , A. *Arquitetura da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SCHICCHI, M. C. Ensino de Projeto e Preservação: reflexões e práticas didáticas. In: *III Seminário Projetar*, 075., 2007, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: Projetar, 2007. CD.
- SCHÖN, D. A. *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre:



Artmed, 2000.

SILVA, H. A. *Projeto em Áreas Consolidadas de Patrimônio Cultural: propostas para a construção de uma metodologia de ensino*. 2012. 392 f. (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2012.

ZEVI, B. *Saber ver a arquitetura*. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.